

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v13i1.51622>

Práticas de Pesquisa Social Aplicada: reflexões sobre uma experiência de ensino

Practices of Applied Social Research: reflections on a teaching experience

Prácticas de Investigación Social Aplicada: reflexiones sobre una experiencia de ensino

Marcelo Kunrath Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Matheus Mazzilli Pereira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo A imagem da profissional da Ciência Social e seu processo de formação têm se concentrado, historicamente, na docência no ensino superior e básico, secundarizando a atuação fora do âmbito acadêmico e escolar. Recentemente, o processo de curricularização da extensão abriu oportunidades para a inserção de atividades curriculares voltadas ao desenvolvimento de habilidades que capacitem estudantes a atuarem em diálogo com a sociedade civil, os governos e o mercado. Nesse contexto, observa-se um movimento, ainda tímido, mas crescente, de interesse pela pesquisa aplicada. Esse artigo busca contribuir com esse debate, ao oferecer um relato de experiência da disciplina extensionista “Práticas de Pesquisa Social Aplicada”, ofertada no curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, desde 2023. Através desse relato, destacamos sete desafios para a inserção da pesquisa social aplicada nos currículos de Ciências Sociais e refletimos sobre a potencialidade da experiência para a formação de cientistas sociais.

Palavras-chave: pesquisa social aplicada; formação de cientistas sociais; currículo; relato de experiência.



Abstract The image of the social science professional and their training process has historically been centered on teaching at the higher and basic education levels, relegating professional practice outside academic and school settings to a secondary role. Recently, the process of integrating extension activities into the curriculum has opened opportunities for the inclusion of curricular activities aimed at developing skills that enable students to engage in dialogue with civil society, governments, and the market. In this context, a still modest but growing movement of interest in applied research is observed. This article aims to contribute to this debate by presenting an experiential account of the extension course “Practices of Applied Social Research” offered in the undergraduate Social Science program at the Federal University of Rio Grande do Sul since 2023. Through this account, we highlight seven challenges for incorporating applied social research into social science curricula and reflect on the potential of this experience for the training of social scientists.

Keywords: applied social research; training of social scientists; curriculum; experience report.

Resumen La imagen de la profesional de la ciencia social y su proceso de formación se ha concentrado históricamente en la docencia en la educación superior y básica, relegando a un segundo plano la actuación fuera del ámbito académico y escolar. Recientemente, el proceso de curricularización de la extensión ha abierto oportunidades para la incorporación de actividades curriculares orientadas al desarrollo de habilidades que capaciten a las y los estudiantes para actuar en diálogo con la sociedad civil, los gobiernos y el mercado. En este contexto, se observa un movimiento, aún tímido, pero creciente, de interés por la investigación aplicada. Este artículo busca contribuir a ese debate al ofrecer un relato de experiencia de la asignatura de extensión “Prácticas de Investigación Social Aplicada”, ofrecida en el grado de ciencias sociales de la Universidade Federal de Rio Grande do Sul desde 2023. A través de este relato, destacamos siete desafíos para la inserción de la investigación social aplicada en los currículos de ciencias sociales y reflexionamos sobre el potencial de la experiencia para la formación de científicos sociales.

Palabras clave: investigación social aplicada; formación de científicos sociales; currículo; relato de experiencia.

Recebido em 06-02-2026

Modificado em 05-03-2026

Aceito para publicação em 25-03-2026

Introdução

A imagem da profissional da Sociologia¹ – e, poderíamos dizer mais amplamente, das Ciências Sociais – foi, historicamente, resumida no Brasil, em grande medida, ao ofício de professora de ensino superior e, mais recentemente, de professora de ensino básico. Apesar dessa imagem simplificadora, o campo de atuação profissional de sociólogas se mostra marcado por uma significativa diversidade, incluindo não apenas a atuação no ensino superior e básico mas também junto à sociedade civil, às instituições públicas, aos partidos políticos e ao mercado, para citarmos alguns exemplos. Dessa maneira, cientistas sociais têm estabelecido vínculos de trabalho diversos com empresas privadas, institutos de pesquisa, organizações não-governamentais, partidos políticos, entre outros (Baltar & Baltar, 2017; Mocelin, 2025).

Apesar dessa diversidade, os cursos superiores em Ciências Sociais têm se estruturado fortemente em torno da dicotomia entre bacharelado e licenciatura. Se historicamente esses cursos privilegiaram a formação de bacharéis para atuação como docentes-pesquisadoras no ensino superior, nas últimas duas décadas, observa-se um crescimento nos esforços de formação de docentes para o ensino básico, acompanhando o retorno da obrigatoriedade da disciplina de Sociologia nos currículos de ensino médio no Brasil (Bordart & Tavares, 2020). Configura-se, assim, uma lacuna persistente na formação de profissionais das Ciências Sociais para atuação em espaços não acadêmicos ou escolares. Soma-se a essa lacuna a existência de um “tabu” em torno da inserção de sociólogas em espaços não acadêmicos, por vezes lidos como limitadores da liberdade crítica da pesquisadora e, portanto, impróprios para o fazer sociológico (Baltar & Baltar, 2017; Miglievich-Ribeiro, 2019).

A ênfase dos cursos de Ciências Sociais na docência em ensino básico ou superior se reflete no próprio campo de estudos sobre a formação de cientistas sociais. De um lado, observa-se um considerável acúmulo no estudo de processos de formação de professoras de Sociologia e Ciências Sociais. Essa agenda abordou temas múltiplos, como: a oferta de cursos de licenciatura (Oliveira, 2015) e sua relação com a demanda por professoras formadas na área (Raizer *et al.*, 2017; Raizer *et al.*, 2021); os obstáculos enfrentados na construção e na implementação de cursos de licenciatura (Souza *et al.*, 2015); a contribuição dos estágios docentes e das bolsas de iniciação à docência para o percurso formativo das licenciandas (Oliveira & Barbosa, 2013); os aspectos pedagógicos do processo de formação de professores (Caprara, 2024), entre outros. Tal acúmulo se deu, em grande parte, pelo diagnóstico de uma lacuna existente entre as necessidades de atuação docente e os percursos formativos voltados para a pesquisa acadêmica (Moraes, 2017). Por outro lado, são ainda escassos os

¹ Adota-se no presente artigo a flexão de gênero no feminino para os casos que envolvem diferentes gêneros.

estudos sobre os processos de formação de cientistas sociais para outras áreas de atuação profissional, em particular, para aquelas relacionadas ao trabalho junto à sociedade civil, ao mercado e às instituições políticas.

Recentemente, o processo de curricularização da extensão nos cursos de graduação das universidades brasileiras tem possibilitado a problematização desse percurso formativo centrado quase que exclusivamente na formação de docentes para o ensino básico e de docentes-pesquisadoras para o ensino superior, abrindo oportunidades para experiências de ensino e aprendizagem que capacitem cientistas sociais para atuar junto a espaços sociais que não o acadêmico ou o escolar. Assim, a curricularização da extensão apresentou oportunidades para propostas que tenham como objetivo proporcionar uma formação mais diversificada às novas gerações de cientistas sociais, que as prepare para possibilidades de atuação profissional que ficavam à margem ou totalmente excluídas do percurso formativo universitário tradicional.

É nesse contexto que se observa um movimento, ainda tímido, mas crescente, de interesse pela pesquisa aplicada, como demonstra o presente dossiê, uma área de atuação profissional que envolve o diálogo de pesquisadores com interlocutores não-científicos (Fernandes, Maio & Köerich, 2026) e que, portanto, se distancia da tradicional formação de bacharéis em Ciências Sociais voltada para a atuação acadêmica. Diante desse quadro, o presente artigo busca contribuir com o debate sobre formação e atuação de cientistas sociais em pesquisa social aplicada, ao propor uma reflexão sobre uma experiência concreta e localizada de sua incorporação no currículo de um curso superior de Ciências Sociais: a disciplina extensionista de “Práticas de Pesquisa Social Aplicada”, ofertada no curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O artigo estrutura-se em três seções, além desta Introdução. A próxima seção apresenta, sinteticamente, a experiência da disciplina de Práticas de Pesquisa Social Aplicada. A seção seguinte aborda obstáculos identificados e enfrentados ao longo dessa experiência e apresenta alguns desafios para sua superação. Por fim, a última seção destaca alguns resultados e também reflete sobre a importância de uma ampliação da formação profissional de cientistas sociais em um contexto de significativas transformações no mercado de trabalho e no próprio sentido do ensino superior.

A disciplina extensionista “Práticas de Pesquisa Social Aplicada”

Em resposta às discussões sobre como implementar o processo de curricularização da extensão no âmbito do curso de graduação em Ciências Sociais da UFRGS, ocorridas ao longo do ano de 2022, uma das propostas, apresentada pelos autores do artigo, foi a criação de uma disciplina voltada ao desenvolvimento de

pesquisas aplicadas que atendessem a demandas de conhecimento de organizações sociais e órgãos governamentais. Nascia, assim, a disciplina de Práticas de Pesquisa Social Aplicada, uma disciplina eletiva integralmente constituída por carga horária de extensão. O Plano de Ensino da disciplina foi estruturado da seguinte forma:

Tabela 1. Plano de ensino da disciplina de Práticas de Pesquisa Aplicada

Semanas	Conteúdo
1 a 3	Introdução à pesquisa aplicada
4	Apresentação das demandas à turma
5 a 7	Elaboração das propostas de trabalho por parte da turma
8	Apresentação das propostas aos demandantes para a aprovação
9 a 13	Execução das propostas aprovadas
14 a 16	Elaboração dos produtos dos trabalhos desenvolvidos
17 a 18	Apresentação dos resultados e entrega dos produtos

Fonte: elaborado pelos autores.

De acordo com o plano, a disciplina teria início com encontros destinados à apresentação de conceitos básicos da pesquisa social aplicada, destacando os contrastes entre os processos e desafios inerentes à pesquisa acadêmica tradicional e à pesquisa aplicada. No encontro seguinte, as organizações sociais ou órgãos governamentais selecionados previamente pelos professores como os demandantes daquele semestre apresentariam à turma suas necessidades de pesquisa. Os estudantes, então, avaliariam as necessidades dos demandantes diante do tempo e dos recursos disponíveis para realização da pesquisa para, assim, elaborar uma proposta de trabalho a ser apresentada aos demandantes. Após sua aprovação, a pesquisa seria, então, executada pelos grupos que, ao final, elaborariam um produto com os resultados da pesquisa – na maioria dos casos, um relatório de pesquisa e um sumário executivo sintetizando resultados, mas podendo também incluir outros, como instrumentos de pesquisa e materiais de divulgação – e os entregariam aos demandantes.

Essa dinâmica foi seguida na primeira edição, mas precisou de adaptações pontuais nas edições seguintes, conforme será observado a seguir. É importante destacar, também, que nas etapas relacionadas ao desenvolvimento das atividades práticas da disciplina (elaboração das propostas, execução das mesmas e elaboração dos produtos), o Plano estabelecia semanas nas quais não haveria encontros presenciais, possibilitando que os grupos utilizassem o horário da aula para o desenvolvimento do trabalho coletivo.

Uma das opções no momento de criação da disciplina foi a definição da realização da disciplina Introdução à Pesquisa Social como pré-requisito para matrícula. Essa definição teve como objetivo limitar o acesso à disciplina para

estudantes que já tivessem um conhecimento prévio sobre pesquisa social, facilitando a participação em uma experiência prática de pesquisa aplicada. Na medida em que a disciplina de Introdução à Pesquisa Social tende a ser cursada em torno do quinto e sexto semestres, as turmas da disciplina de Práticas de Pesquisa Social Aplicada são constituídas por estudantes que estão nas etapas finais da graduação em Ciências Sociais.

A primeira edição da disciplina foi realizada no primeiro semestre de 2023. Em função do curto espaço de tempo entre a inserção da disciplina no currículo e o início do semestre, que inviabilizou a busca por organizações parceiras por parte dos docentes, essa primeira edição foi direcionada ao atendimento de demandas de dois órgãos do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da UFRGS: o Núcleo de Avaliação da Unidade (NAU) e a Comissão de Direitos Humanos e Combate a Violências Institucionais (CDH). Doze estudantes participaram, efetivamente, da realização dos trabalhos, sendo divididas em dois grupos que produziram os seguintes resultados:

- A elaboração e teste de um instrumento metodológico para aprimorar a coleta de dados sobre os desafios para a permanência na universidade entre estudantes do IFCH²;
- Uma pesquisa sobre experiências de assédio, ameaça, desrespeito e violência vivenciadas por estudantes do curso de Ciências Sociais.

Imagem 1. Capas dos produtos elaborados na primeira edição da disciplina



Fonte: elaborado por discentes da disciplina de Práticas de Pesquisa Social Aplicada (UFRGS).

² Destaque-se que este instrumento produzido no âmbito da disciplina serviu de base para o desenvolvimento da pesquisa realizada em 2024 pela Comissão de Graduação de Ciências Sociais – COMGRAD/UFRGS e pelo NAU, abordando os desafios da permanência na universidade. Os resultados da pesquisa encontram-se em: <https://www.ufrgs.br/nauifch/desafios-da-permanencia/>

Na segunda edição da disciplina, no segundo semestre de 2023, foi possível atender ao objetivo original da proposta de uma disciplina extensionista: responder a demandas de organizações e instituições externas à universidade. Assim, foram convidadas quatro organizações sociais para apresentar suas demandas: o Centro de Assessoria Multiprofissional (CAMP), o Coletivo Abrigo, o Movimento Nacional de Catadoras e Catadores de Material Reciclável (MNCR) e a Central Única dos Trabalhadores do Rio Grande do Sul (CUT-RS). As 22 estudantes que participaram da disciplina foram divididas em quatro grupos e produziram os seguintes resultados:

- Uma sistematização das práticas e contribuições do CAMP na temática da economia solidária a partir da análise de projetos que foram executados pela organização no período de 2013 a 2023;
- Uma pesquisa sobre impacto da Rota de Graffiti³, uma atividade do projeto “Viva Elizabeth: Diálogos que transformam a vila”, desenvolvido pelo Coletivo Abrigo na Vila Elisabeth (Bairro Sarandi – Porto Alegre/RS), sobre a percepção dos moradores da região sobre segurança e desenvolvimento da economia local;
- A construção de um instrumento de análise dos contratos entre Organizações Populares de Reciclagem (OPRs) e prefeituras no RS;
- Análise dos dados sobre os participantes do 16º Congresso Estadual da CUT-RS.

Imagem 2. Capas dos produtos elaborados na segunda edição da disciplina



³ Para mais informações sobre o projeto cultural “Viva Elizabeth: Diálogos que transformam a vila”, ver <https://www.coletivoabrigo.org.br/viva>

Continuação



Fonte: elaborado por discentes da disciplina de Práticas de Pesquisa Social Aplicada (UFRGS).

A segunda edição seguiu, basicamente, a mesma dinâmica da primeira. No entanto, em função da baixa disponibilidade de tempo das integrantes das organizações parceiras, foi inviável realizar o retorno das organizações demandantes para a apresentação e discussão das propostas de trabalho dos grupos e, também, para a apresentação dos produtos finais. Os resultados foram entregues, mas sem que houvesse a possibilidade de um diálogo entre a turma e as organizações.

A terceira edição da disciplina ocorreu no primeiro semestre de 2024 e foi diretamente afetada pelo evento climático extremo que atingiu o Rio Grande do Sul, em maio daquele ano. Originalmente, as demandas a serem trabalhadas na disciplina viriam de duas organizações: o Levante Popular da Juventude e o Grupo de Institutos, Fundações e Empresas – GIFE. Representantes dessas organizações chegaram a apresentar suas demandas para a turma, mas o início dos trabalhos foi interrompido com a paralisação das atividades da universidade em função da situação emergencial.

Na retomada das atividades, acabou colocando-se a necessidade de desenvolver um trabalho que esteve mais articulado ao contexto vivenciado no momento. Assim, foi estabelecido contato com o Instituto Camaleão, uma organização social que atua junto a pacientes oncológicos, muitos dos quais tiveram seu tratamento profundamente afetado pelos impactos do evento climático extremo. As dezesseis estudantes que participaram da disciplina elaboraram três produtos em resposta às demandas do Instituto Camaleão:

- A análise das informações de um banco de dados que o Instituto constituiu para o acompanhamento da situação dos pacientes durante e após o evento climático extremo;

- O mapeamento e georreferenciamento das vias bloqueadas no estado do Rio Grande do Sul durante as enchentes e dos locais de tratamento oncológico dos pacientes do Instituto Camaleão, para posterior análise de dificuldades ou atrasos nos tratamentos que possam ter se originado das interdições em razão da catástrofe ambiental;
- Um guia com recomendações práticas para pacientes oncológicos em contextos de desastres.

Imagem 3. Capas dos produtos elaborados na terceira edição da disciplina



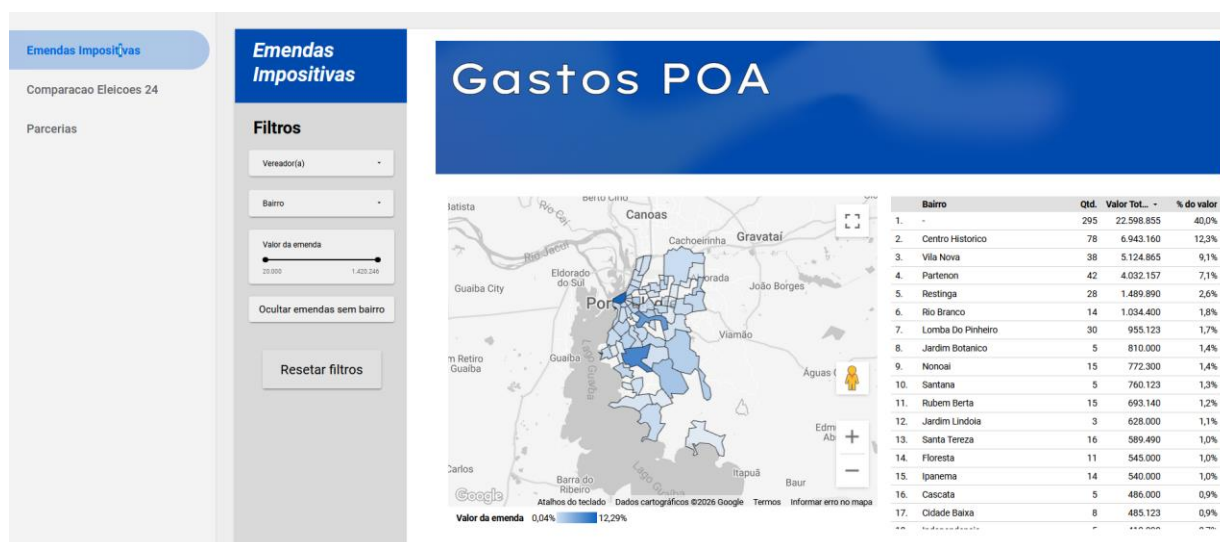
Fonte: elaborado por discentes da disciplina de Práticas de Pesquisa Social Aplicada (UFRGS).

A quarta edição da disciplina, no segundo semestre de 2024, também foi impactada pelos efeitos do evento climático extremo, que gerou um abalo profundo na sociedade gaúcha, colocando uma série de urgências na agenda das organizações sociais e produzindo um significativo desengajamento do corpo discente (somente sete estudantes participaram até o final desta edição da disciplina). Nesse contexto, frente às dificuldades de construir demandas de organizações sociais para a disciplina, optou-se pelo desenvolvimento de uma pesquisa voltada ao tratamento de um tema de

interesse público: as emendas parlamentares, introduzidas na Câmara de Vereadores de Porto Alegre, no ano de 2019.

O trabalho desenvolvido produziu uma base de dados sobre os gastos com emendas parlamentares na Câmara de Porto Alegre, disponibilizados por meio da plataforma de visualização de dados *Looker Studio*. A partir dessa base de dados, as estudantes produziram análises individualizadas sobre aspectos específicos do uso das emendas parlamentares em Porto Alegre.

Imagem 4. Visualização de dados elaborada na quarta edição da disciplina



Fonte: elaborado por discentes da disciplina de Práticas de Pesquisa Social Aplicada (UFRGS).

Por fim, a última edição da disciplina até o presente momento ocorreu no segundo semestre de 2025. Nessa edição, as demandas vieram do Fórum Social da Periferias de Porto Alegre, da Associação de Moradores Força Maior da Pedreira e da Campanha Contra a Concessão do Departamento Municipal de Água e Esgoto de Porto Alegre. As doze estudantes que participaram da disciplina elaboraram os seguintes produtos:

- Uma análise da política de comunicação do Fórum, combinando dados de um *survey* previamente aplicado às organizações que integram o Fórum a dados extraídos da página do Fórum no Instagram;
- Um mapeamento dos empreendimentos econômicos na Vila Pedreira e a produção de um catálogo para sua divulgação na comunidade;
- Uma análise dos processos de concessão e privatização de serviços de água e esgoto nos estados e capitais brasileiras.

Imagem 5. Capas dos produtos elaborados na quinta edição da disciplina⁴



Fonte: elaborado por discentes da disciplina de Práticas de Pesquisa Social Aplicada (UFRGS).

Obstáculos e desafios

As cinco edições da disciplina possibilitam identificar um conjunto de obstáculos para a incorporação da pesquisa aplicada como um conteúdo do percurso formativo de estudantes de graduação em Ciências Sociais. A presente seção aborda sete obstáculos que se destacaram ao longo do tempo e alguns desafios para sua superação.

O círculo vicioso da falta de acúmulo

Como ocorre em quase todas as tentativas de produção de mudanças institucionais, a alteração na formação de estudantes de graduação enfrenta a inércia de uma trajetória que tende a perpetuar as condições de sua reprodução, ao mesmo tempo que dificulta a criação das condições para a transformação. Na experiência das cinco edições da disciplina, esse obstáculo se expressa muito objetivamente na carência de uma bibliografia nacional das Ciências Sociais que possa ser utilizada como material de apoio para a formação em pesquisa aplicada⁵. Em vista disso, foram

⁴ O terceiro grupo entregou um relatório sem um design e formatação mais elaborado, por isso não está apresentado aqui.

⁵ Os dois textos nacionais utilizados na disciplina e que têm por referência experiências de pesquisa aplicada na área de Ciências Sociais são Fleury e Werlang (2017) e Goes, Tirelly e Cadoná (2021).

mobilizadas nos encontros iniciais algumas referências de outras áreas disciplinares, mas que por vezes tinham pouca adequação às especificidades da pesquisa social⁶. Essa escassez de artigos e livros voltados ao tema indica um desinteresse generalizado das Ciências Sociais pela pesquisa aplicada, ao mesmo tempo que dificulta a formação de novas gerações dotadas das habilidades e competências necessárias para trabalhar na área.

Além da carência de bibliografia, observa-se também o significativo desconhecimento de grande parte do corpo docente que atua no curso de Ciências Sociais sobre os princípios da pesquisa aplicada. Egressa de uma trajetória de formação e atuação profissional centrada na pesquisa acadêmica, uma parcela majoritária do corpo docente tende a não ter experiências com pesquisa aplicada. Somado a isso, por vezes, observa-se certa desvalorização da pesquisa aplicada frente à pesquisa acadêmica, sendo a primeira avaliada ora como menos rigorosa, confiável ou científica pela sua ênfase empírica em detrimento da elaboração teórica, ora como moralmente condenável, uma vez que o exercício profissional da pesquisa aplicada envolve, via de regra, uma troca financeira através da contratação dos serviços da pesquisadora. Dessa forma, o tema da pesquisa aplicada tende a estar ausente nas disciplinas do curso de Ciências Sociais, inclusive daquelas que têm como foco a formação para a pesquisa social.

Em virtude da ausência de bibliografia e de contato prévio ao longo do curso, observa-se que estudantes tendem a chegar à disciplina sem conhecimento e, menos ainda, experiência na pesquisa social aplicada. De fato, é recorrente entre estudantes matriculadas a afirmação de que a busca pela disciplina se deve menos ao conteúdo, que é desconhecido, e mais à necessidade de completar a carga horária de extensão tornada obrigatória pela curricularização.

Sem contar com uma base prévia de conhecimento acumulado ao longo do curso, a disciplina acaba gerando uma dupla demanda: o aprendizado dos conteúdos básicos sobre pesquisa aplicada e a realização de uma prática de pesquisa, que se expressa no plano da disciplina conforme abordado anteriormente. Ao longo das edições, observou-se que, mesmo contando com um bloco introdutório inicial, a necessidade de realizar determinados procedimentos demandados pela prática, mas ainda não plenamente conhecidos e compreendidos pelas estudantes, acabava trazendo dificuldades e limitando os resultados produzidos nas pesquisas realizadas.

Esses obstáculos apontam para dois desafios a serem enfrentados para o fortalecimento da formação em pesquisa aplicada no curso de Ciências Sociais. O primeiro desafio é a incorporação da pesquisa aplicada como uma das possibilidades de atuação profissional a ser trabalhada desde o início do curso, familiarizando as estudantes com o tema e desenvolvendo habilidades e competências para o trabalho

⁶ Os textos utilizados integram o livro de Perdigão, Herlinger e White (2011).

com pesquisa aplicada nas diversas disciplinas que abordam temas como epistemologia e metodologia de pesquisa.

O segundo desafio é a produção de uma bibliografia, tanto analítica quanto instrumental, que possa ser utilizada por docentes e discentes no seu processo formativo sobre pesquisa aplicada. O presente dossiê é uma contribuição muito valiosa nesse sentido. No entanto, avalia-se que seria importante que a pesquisa aplicada se constituísse como um subcampo próprio no campo das Ciências Sociais brasileiras, estimulando um investimento em produção de literatura de referência, formação profissional especializada e a construção de uma rede de especialistas no tema.

A resistência às mudanças na posição da pesquisadora no processo de pesquisa

Uma diferença básica entre a pesquisa acadêmica e a pesquisa aplicada encontra-se na posição que a pesquisadora ocupa no processo de pesquisa. A pesquisa acadêmica tende a conferir um protagonismo quase exclusivo à pesquisadora no que se refere à definição do tema e do problema de investigação, do enquadramento teórico e metodológico da pesquisa, bem como do desenvolvimento da coleta e análise dos dados e da elaboração e divulgação dos resultados.

A pesquisa aplicada, por sua vez, tende a alterar esse protagonismo ao introduzir um novo sujeito nesse processo: a organização ou instituição demandante. Esse sujeito, em geral não vinculado ao campo acadêmico, compartilha (e, no limite, assume) o protagonismo em diversas etapas da pesquisa, uma vez que a produção de conhecimento que está sendo realizada tem como objetivo responder a interesses e finalidades de quem demanda a pesquisa.

Essa mudança traz uma série de tensionamentos àquilo que é aprendido pelas estudantes no seu processo de formação e socialização acadêmica. Em especial, observa-se uma dificuldade de colocar-se na posição de um profissional que detém um conhecimento especializado e específico (fazer pesquisa social empírica) e que coloca esse conhecimento a serviço de uma demanda externa ao campo acadêmico, a qual já estabelece diversas definições sobre a pesquisa a ser desenvolvida.

Ao longo das edições da disciplina foram observados entre estudantes momentos de estranhamento e resistência a essa mudança de posição. Ter que se submeter a determinadas demandas ou escolhas, ter que explicar e justificar as propostas elaboradas, ter que se adaptar às condições estabelecidas pelas demandantes, entre outros aspectos, rompem com uma relação hierárquica tradicional no processo de produção de conhecimento acadêmico, com a qual as estudantes estão familiarizadas.

Percebe-se, assim, que a incorporação da pesquisa aplicada na formação de estudantes de Ciências Sociais coloca um desafio de redefinição da posição tradicional da pesquisadora no processo de pesquisa. Em especial, coloca o desafio de fortalecer

uma identidade profissional de cientista social na qual ganhe centralidade o saber fazer pesquisa empírica, que pode atender tanto a demandas acadêmicas quanto a demandas de informações e análises de diferentes atores sociais e estatais.

As fragilidades da formação metodológica

As Ciências Sociais brasileiras são marcadas por uma longa tradição de sobrevalorização da argumentação teórica em detrimento dos procedimentos metodológicos de demonstração ou fundamentação empírica dos argumentos. Tal tradição tende a criar uma cultura acadêmica marcada por uma hierarquia na qual a erudição teórica encontra-se em posição de superioridade em relação ao domínio de competências metodológicas, sejam elas qualitativas ou quantitativas. E é nessa cultura acadêmica que a maior parte das estudantes são formadas e socializadas.

A pesquisa aplicada confronta essa tradição e a hierarquia que dela deriva. Em geral, o desenvolvimento de pesquisas aplicadas está voltado à produção de informações e análises que possibilitem uma compreensão mais qualificada de determinados problemas sociais. Nesse sentido, diferentemente das pesquisas acadêmicas, que objetivam responder a problemas teoricamente fundamentados, as pesquisas aplicadas tendem a buscar a produção de conhecimentos que contribuam na produção de respostas empíricas a problemas socialmente percebidos. Mesmo que mobilizem conceitos e teorias a partir dos quais a realidade é apreendida e analisada, as pesquisas aplicadas tendem a se concentrar na construção de instrumentos metodológicos que possibilitem caracterizar de forma consistente e confiável os problemas sociais que são objeto de sua atenção.

Assim, em função de sua lógica específica, a pesquisa aplicada valoriza e demanda conhecimentos e competências metodológicas, que aqui ganham uma centralidade que tende a não ser comum na pesquisa acadêmica. Tal centralidade é reforçada pelo fato de que as pesquisas aplicadas podem abordar temas que são objeto de controvérsias, disputas e confrontos na sociedade. Logo, a confiabilidade das informações passa a ser um foco de escrutínio público. Em vista disso, a garantia de informações metodologicamente bem fundamentadas, que consigam se sustentar frente a esse processo de crítica, passa a ser uma preocupação constante.

Essa centralidade das demandas metodológicas na pesquisa aplicada tende a gerar estranhamento e dificuldades entre estudantes que, de um lado, são formados em um espaço acadêmico que valoriza mais a argumentação teórica e, de outro lado, confere muito mais tempo do processo formativo à aquisição de conhecimentos sobre teoria em detrimento da formação metodológica. Além disso, observa-se o predomínio de um conhecimento metodológico bastante limitado, centrado em poucos procedimentos de coleta (observação e entrevista) e análise (análise de conteúdo) de

dados, que nem sempre atendem às necessidades da pesquisa posta pelo demandante. Se, em uma pesquisa acadêmica, por vezes, é possível ajustar os problemas de pesquisa para que estes sejam compatíveis com as competências metodológicas do pesquisador, na pesquisa social aplicada essa adaptação é menos viável, uma vez que é da necessidade do demandante que emerge o problema da investigação.

Frente a esses obstáculos coloca-se o desafio de diversificação e fortalecimento da formação metodológica nos cursos de Ciências Sociais, oportunizando o contato e a aprendizagem de diferentes desenhos de pesquisa e de distintas técnicas de coleta e análise de dados que são necessárias para responder às demandas metodológicas da pesquisa social aplicada. Em particular, coloca-se o desafio de incorporar, com as devidas reflexividade e criticidade, as novas oportunidades que mudanças tecnológicas em curso (com destaque para a Inteligência Artificial) colocam para a produção, o processamento, a análise e a publicização de grandes volumes de dados.

Interagindo e comunicando para fora da “bolha” acadêmica

O processo de formação acadêmica envolve o aprendizado do “discurso” que caracteriza e conforma um determinado campo de conhecimento. Esse discurso envolve, ao mesmo tempo, uma determinada gramática de conceitos e construções linguísticas e textuais caras à área, bem como o uso de determinados meios para a comunicação do conhecimento científico, como artigos em periódicos e livros especializados.

O domínio de tal discurso desempenha vários papéis importantes, tais como: possibilita a comunicação entre pares; constitui um elemento de identificação das pessoas que integram o campo; opera como mecanismo de distinção tanto internamente quanto com quem está fora do campo. Esse processo de incorporação e uso do discurso específico de um determinado campo de conhecimento, no entanto, tende a produzir o efeito de dificultar a comunicação com quem está fora dessa “bolha” acadêmica e profissional. Essa dificuldade tende a se aprofundar quando o domínio do discurso acadêmico passa a ser compreendido como superioridade intelectual. Nesse caso, que não é incomum, observa-se uma tendência a considerar que quem deve fazer o esforço de compreensão é quem está fora da “bolha” e não, ao contrário, que é responsabilidade da pesquisadora fazer o esforço para ser compreendida quando em interação com públicos externos ao campo acadêmico, adaptando sua linguagem e diversificando os meios utilizados para a comunicação dos conhecimentos.

No caso da pesquisa aplicada, esses obstáculos à comunicação e à compreensão se mostram recorrentes, uma vez que se trata de uma pesquisa coproduzida no diálogo entre atores com distintos conhecimentos e saberes. Em particular, ela

envolve um processo de construção e desenvolvimento da pesquisa no qual a pesquisadora precisa ter disponibilidade e condições para traduzir intencionalidades e expectativas práticas de demandantes em resultados e produtos que sejam, de um lado, cientificamente consistentes e confiáveis e, de outro, inteligíveis e acessíveis para um público que, em geral, não domina o discurso acadêmico.

Observa-se que a construção das disposições e competências para uma atuação profissional como a demandada pela pesquisa social aplicada ainda encontra pouco espaço no curso de Ciências Sociais. A formação ofertada às estudantes tende a centrar-se quase que exclusivamente na construção de um “*habitus* acadêmico”, focado em desenvolver domínio do discurso acadêmico de forma a oportunizar a elas uma inserção e uma carreira no campo científico ou, mais amplamente, intelectual. Sem desmerecer a importância dessa formação voltada à reprodução do campo acadêmico, considera-se que há um desafio da ampliação do processo formativo, de forma a oportunizar a construção de disposições e competências que viabilizem a atuação enquanto profissionais especializadas na produção e na comunicação do conhecimento junto a outros públicos e espaços sociais não acadêmicos.

Entre essas competências demandadas pela pesquisa social aplicada destaca-se a capacitação de estudantes de Ciências Sociais em diferentes formatos de apresentação e visualização de dados, que possibilitem apresentar resultados e elaborar produtos de pesquisa que sejam capazes de atrair a atenção e serem compreendidos por públicos não acadêmicos. Ademais, destaca-se a capacitação de estudantes em princípios de comunicação científica, desenvolvendo habilidades necessárias à “tradução” do conhecimento acadêmico para o público mais amplo. Considera-se, inclusive, que a apresentação e visualização de dados bem como a comunicação científica devem se constituir em áreas de especialização de profissionais das Ciências Sociais que, em colaboração com profissionais de comunicação, do design e de ciência de dados, por exemplo, podem desenvolver novos recursos técnicos para ampliar o alcance e a influência do conhecimento produzido pela pesquisa social em seus diferentes formatos.

Construindo conhecimento de forma coletiva e colaborativa

Diferentemente de outros campos disciplinares, nos quais o trabalho coletivo é um padrão estabelecido, no caso das Ciências Sociais ainda há uma forte presença e influência de uma concepção de ciência na qual o processo de produção de conhecimento deve ser feito de forma individualizada. Mesmo com o avanço recente dos grupos de pesquisa e de formatos de trabalho e produção mais colaborativos, percebe-se que a cultura acadêmica tradicional ainda resiste, como pode ser identificado nas críticas ou na desqualificação que ainda se observa em relação a produções em coautoria. Nessa concepção, que se poderia denominar de “artesanal”, a

pesquisadora precisa dominar todas as etapas e tarefas do processo de pesquisa, cujos resultados se constituem em uma expressão de mérito e das qualidades individuais.

Tal concepção, de um lado, confere uma significativa autonomia intelectual a cada pesquisadora, possibilitando (e, no limite, demandando) que cada uma defina seu tema de pesquisa e referencial teórico, além de dominar a aplicação dos procedimentos metodológicos escolhidos e elaborar a apresentação dos resultados da pesquisa. De outro lado, no entanto, essa concepção tende a apresentar características que poderiam ser definidas como problemáticas. O contraponto da autonomia parece ser uma significativa insegurança, que se observa em muitas pesquisadoras, especialmente nos períodos de formação e de início da carreira, quando precisam fazer escolhas e tomar decisões de pesquisa para as quais ainda carecem de acúmulo de conhecimento e de experiência. Além disso, a individualização tende a gerar uma carência de interlocução, pois cada pesquisadora está centralmente envolvida na sua produção e carreira individuais. Também é possível mencionar as dificuldades de gestão e organização do trabalho coletivo que a tradição individualista produz, obstaculizando etapas como a divisão de tarefas, o estabelecimento e o controle dos prazos estabelecidos, entre outras. Por fim, a demanda do domínio e de execução individualizada de todo processo de pesquisa acaba por limitar as possibilidades de especialização e aprofundamento em etapas e procedimentos específicos.

Socializados nessa concepção individualizada de fazer científico, identificou-se ao longo das edições da disciplina uma grande resistência das estudantes ao trabalho coletivo, que é demandado pela pesquisa aplicada. Sendo uma pesquisa que tende a ser realizada em curto espaço de tempo (no caso da disciplina, esse tempo é o de um semestre letivo), ela necessariamente implica no trabalho em equipe, no qual tarefas são divididas e o resultado final depende da capacidade de colaboração das pessoas que compõem a equipe. Em muitos casos, o que se observou é que as equipes se tornaram um somatório de individualidades, com cada integrante fazendo sua parte de forma independente, sem articulação com as demais. Outro arranjo observado na disciplina foi a delegação do trabalho para um ou poucos integrantes do grupo, que assim desenvolviam grande parte das atividades de forma individualizada.

A experiência da disciplina permite identificar o desafio de transformar uma cultura acadêmica instituída que tende a inviabilizar a colaboração, colocando obstáculos importantes à forma de produção de conhecimento que a pesquisa aplicada demanda. Dialogar e negociar, submeter-se às deliberações coletivas, cumprir compromissos assumidos com o grupo, aproveitar conhecimentos e competências diferenciadas, coordenar o trabalho coletivo, gerir divergências, entre outras, são habilidades profissionais que precisam ser construídas ao longo do curso de graduação, particularmente para profissionais das Ciências Sociais que pretendem trabalhar com pesquisa aplicada.

A resistência da “educação bancária”

Uma reclamação comum de estudantes de Ciências Sociais é o caráter excessivamente “teórico” do curso de graduação, que seria marcado pela carência de atividades que oportunizem experiências práticas de fazer científico. Considera-se que essa é uma crítica pertinente e que aponta para a manutenção de um modelo de educação bancária. Nesse modelo, o processo educativo tende a estar centralmente focado na transmissão de um conteúdo a ser compreendido e reproduzido passivamente pelos estudantes, em detrimento do desenvolvimento de um modo de pensar sobre e se colocar perante a realidade social no qual o estudante se coloca como produtor do conhecimento científico.

Apesar da educação bancária ser objeto de crítica, percebe-se que ela tende a encontrar adesão entre estudantes por possibilitar uma postura passiva, de receptor de conteúdos, demandando baixo nível de engajamento e, assim, de esforço. De fato, um modelo pedagógico centrado no aprendizado a partir de experiências práticas com o fazer científico é muito mais demandante em termos de tempo e de envolvimento, pois faz com que o processo de aprendizagem se estenda muito além da sala de aula e da exposição da professora.

Pelo seu caráter prático, a disciplina possibilitou observar alguns tensionamentos que a ruptura com a passividade da educação bancária tende a gerar. Primeiramente, destaca-se a dificuldade de compatibilizar as exigências das atividades práticas, cujas datas e locais de realização muitas vezes foram definidas pelas organizações demandantes, e a disponibilidade de tempo das estudantes. Na medida em que uma parcela significativa das turmas é constituída por estudantes trabalhadoras (em especial, mas não exclusivamente, nas turmas noturnas) e, ainda, que essas estudantes tendem a ter grande parte de seus turnos sem trabalho ocupada por outras disciplinas e demandas familiares, percebe-se a existência de limitações objetivas para a participação em atividades práticas que saem do horário de aula semanal e que exigem deslocamento a outros locais da cidade.

Em segundo lugar, foi possível identificar também um baixo aproveitamento das semanas sem encontro presencial para o desenvolvimento coletivo das atividades por parte dos grupos. Expressando a lógica da educação bancária, parece que a interpretação dominante é que se não há encontro em sala de aula para transmissão de conteúdo, não há nada para ser feito.

Por fim, em direta relação com o que foi abordado no ponto anterior, parece também predominar a postura de que a responsabilidade do compromisso assumido em torno da pesquisa é com o professor e não com o grupo com o qual se está construindo o trabalho ou com os demandantes frente aos quais se assumiu o compromisso de entregar um produto ao final da disciplina. Nesse sentido, foram muito recorrentes as reclamações de integrantes que tinham mais engajamento nos

grupos sobre a falta de respostas de colegas às mensagens e demandas relacionadas ao desenvolvimento do trabalho.

O choque entre dinâmicas e lógicas de campos distintos

Conforme abordado anteriormente, a pesquisa aplicada tende a envolver um processo de coprodução, que implica negociações, traduções e acordos entre atores com diferentes conhecimentos e intencionalidades e submetidos a distintas determinações relacionadas às posições sociais que ocupam. No caso da disciplina de Práticas de Pesquisa Social Aplicada, essa coprodução tende a envolver negociações, traduções e acordos entre atores posicionados em dois campos específicos: o campo científico (estudantes/pesquisadoras) e o campo da sociedade civil (militantes). Ao longo das cinco edições da disciplina, foi possível identificar alguns tensionamentos provocados por diferenças entre as dinâmicas e lógicas de cada campo.

O primeiro tensionamento a ser destacado ocorre em função de um relativo descompasso entre expectativas construídas e possibilidades efetivas de realizá-las. Esse descompasso tanto é produzido por expectativas de militantes das organizações sociais demandantes que não podem ser atendidas pelas estudantes, quanto por expectativas de pesquisadoras que não podem ser atendidas pelas militantes. Um exemplo do primeiro tipo é a expectativa identificada entre militantes de que as estudantes estejam disponíveis para a realização de tarefas organizativas que não estão diretamente relacionadas ao desenvolvimento do trabalho demandado. Um exemplo do segundo tipo é a expectativa das estudantes de que militantes estejam disponíveis para a realização de atividades propostas pelos grupos, sem considerar as urgências da dinâmica sociopolítica na qual as militantes estão inseridas.

Um segundo tensionamento é produzido pelo descompasso entre as normativas e os procedimentos que regulam o desenvolvimento de uma disciplina universitária e as condições e necessidades das organizações sociais. Um exemplo nesse sentido é a temporalidade de desenvolvimento dos trabalhos, que devem ser realizados ao longo de um semestre, após o qual a turma deixa de ter um compromisso formal com a conclusão e/ou a continuidade. Na experiência concreta, no entanto, observa-se que as condições e necessidades das organizações demandariam muitas vezes uma continuidade do trabalho dos grupos, especialmente para a avaliação das contribuições e dos desdobramentos práticos dos produtos entregues, a qual não pode ser exigida das turmas após a conclusão do semestre.

Um terceiro tensionamento ocorre entre o tempo e o espaço das atividades acadêmicas e os tempos e os espaços de atuação das organizações sociais. Esse tensionamento é exemplificado pelas dificuldades, já abordadas, de deslocamento de estudantes para realização de atividades dos projetos em horários e em locais da

cidade distintos daqueles estabelecidos no Plano de Ensino da disciplina. Por outro lado, como também já informado, mostrou-se inviável a proposta inicial de três participações de militantes das organizações sociais demandantes em atividades no horário e local de realização da disciplina.

Por fim, é importante destacar também o tensionamento entre os interesses sociopolíticos das organizações e os resultados que efetivamente podem ser produzidos por trabalhos que devem ser orientados por princípios epistemológicos, metodológicos e éticos do fazer científico. Esse tensionamento aparece em alguns casos em que houve a apresentação de demandas que buscavam confirmar um determinado resultado esperado, o qual não era possível de ser demonstrado e sustentado empiricamente por uma pesquisa.

Esses tensionamentos indicam a necessidade de pensar a experiência da disciplina “Práticas de Pesquisa Social Aplicada” como um processo de ensino-aprendizagem que envolve atores diversos: docentes, discentes e militantes de organizações sociais. Nesse sentido, os diálogos e as experiências compartilhadas que são propiciados pela disciplina oportunizam que docentes e discentes aprendam sobre as organizações sociais e, ao mesmo tempo, que militantes aprendam sobre a universidade (a qual tende a ser uma grande desconhecida para muitos públicos externos).

Considerações finais (ou nem tudo são problemas)

A seção anterior abordou uma série de obstáculos e desafios evidenciados pela experiência de cinco edições da disciplina “Práticas de Pesquisa Social Aplicada”. Obviamente, também foram observados diversos resultados positivos que poderiam ser objeto de destaque: a contribuição de um projeto para a qualificação da política de avaliação institucional de uma instituição pública; a contribuição de outro trabalho para fundamentar projetos de captação de recursos de uma organização social; a contribuição de uma análise de dados para demonstrar os impactos da política de gênero implementada por uma organização sindical; a contribuição de uma pesquisa para subsidiar a formulação da política de comunicação de uma organização popular, entre outros.

No entanto, a opção pela concentração da reflexão nos obstáculos e desafios teve como objetivo contribuir para identificar aspectos institucionais, culturais e organizacionais que tendem a se constituir como entraves ao processo de incorporação da pesquisa aplicada à formação das novas gerações de cientistas sociais. A identificação desses aspectos é importante para uma compreensão mais abrangente das demandas e implicações dessa incorporação. Conforme argumentado ao longo do texto, ela tende a entrar em conflito com elementos estruturais da conformação do

ensino e da pesquisa nas Ciências Sociais brasileiras. Assim, o sucesso nesse processo de incorporação exige mudanças que vão além de inclusão de novas disciplinas nos currículos.

Como sabemos, enquanto cientistas sociais, realizar uma mudança institucional como essa não é algo fácil. No entanto, tal mudança parece extremamente necessária em um contexto no qual as Ciências Sociais estão atravessando um período crítico. Alguns dados da pesquisa “O curso de Ciências Sociais e a sociedade na qual se insere: conhecendo o corpo discente e os fatores de sua permanência na universidade”, realizada pela COMGRAD de Ciências Sociais e pelo NAU/IFCH/UFRGS, em 2024, e já referida anteriormente, permitem perceber alguns aspectos desse contexto. Os resultados do questionário da pesquisa, que foi respondido por 378 estudantes, trazem as seguintes informações:

Tabela 2. Resultados: “O curso de Ciências Sociais e a sociedade na qual se insere”

Consideraram seriamente abandonar o curso	53,7%
“Os conteúdos vistos em aula me preparam para o ingresso no mercado de trabalho”	49,5% concordam com a afirmação
“O curso trabalha as diferentes possibilidades de carreira da forma adequada”	39,4% concordam com a afirmação
“Os/as professores/as apresentam as diferentes oportunidades no mercado de trabalho de forma adequada”	35,1% concordam com a afirmação
“Você pretende buscar um emprego na área do curso quando se formar?”	50% responderam “com certeza”

Fonte: COMGRAD/CSO/UFRGS e NAU/IFCH/UFRGS.

Essas informações mostram um alto percentual de estudantes considerando seriamente abandonar o curso. Mostram também uma insatisfação que atinge a maioria das estudantes em relação à forma como o curso informa sobre alternativas de atuação profissional e prepara para essas alternativas. Por fim, apenas metade dos respondentes expressam uma intenção consolidada de busca de emprego na área de formação. Ou seja, a outra metade dos respondentes estão realizando o curso com pouca ou nenhuma intenção de exercer as atividades profissionais para as quais o curso objetiva formar. Somem-se a esses dados processos importantes do atual contexto social, como os ataques politicamente motivados às Ciências Sociais e as transformações tecnológicas (com destaque para a Inteligência Artificial) e seus impactos sobre o mercado de trabalho. Percebe-se que a formação de estudantes de Ciências Sociais precisa ser objeto de análise e de mudanças.

Considera-se que a incorporação da formação em pesquisa social aplicada pode ser um dos caminhos para enfrentar desafios do atual contexto, contribuindo para produzir resultados como: a divulgação e legitimação social do conhecimento



produzido pelas Ciências Sociais; a ampliação e diversificação da inserção profissional; a incorporação crítica de ferramentas propiciadas pelas inovações tecnológicas; o fortalecimento de uma identidade profissional entre cientistas sociais. Obviamente, a pesquisa social aplicada não é nenhuma panaceia, como nada é. Mas parece apresentar potencialidades importantes que merecem ser testadas e avaliadas. A disciplina Práticas de Pesquisa Social Aplicada, mesmo com seus obstáculos e desafios aqui apresentados, tem trazido resultados promissores e que indicam a importância de um maior investimento nesse sentido.

Referências

- BALTAR, Ronaldo; BALTAR, Cláudia S. (2017). “A Sociologia como Profissão”. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 5, n. 10, pp. 259-289 [Consult. 11-03-2026]. Disponível em <https://doi.org/10.20336/rbs.213>
- CAPRARA, Bernardo. (2024). “Sometimes Learning requires more Attention and less Intention: possibilities and limits of teacher training in Sociology”. *Sociological Teaching*, v. 2, n. 3, pp. 5-20 [Consult. 11-03-2026]. Disponível em <https://doi.org/10.5281/zenodo.15312221>
- FERNANDES, Eduardo G.; MAIO, Ivone dos P.; KÖERICH, Bruna R. (2026). “Construindo Pontes: desafios e caminhos da pesquisa social aplicada”. *Simbiótica*, v. 13, n. 1, pp. 01-19.
- FLEURY, Maria T. L.; WERLANG, Sergio R. (2017). “Pesquisa Aplicada: conceitos e abordagens”. *Anuário de Pesquisa*, GV Pesquisa. [Consult. 17-03-2026]. Disponível em <https://periodicos.fgv.br/apgvpesquisa/article/view/72796>
- GOES, César H. B. de; TIRELLI, Cláudia; CADONÁ, Marco André. (2021). “Núcleo de Pesquisa Social (NUPES): uma reflexão sobre a história de um espaço de pesquisa nas ciências sociais na UNISC”. *Barbarói*, n. 59, pp. 259-178 [Consult. 17-03-2026]. Disponível em <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/download/16988/9999>
- MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. (2019). “Os Anos 1990 e a Sociologia como Profissão: desafios retinentes”, in A. Miglievich-Ribeiro e M. Marias Filho (orgs.). *O Espaço do Sociólogo: um balanço de trinta anos*. Vitória, EDUFES, pp. 27-49.
- MOCELIN, Daniel G. (2025). “Formas Elementares do Trabalho Sociológico”. *Contemporânea*, v. 5, n. 6, pp. 1-26 [Consult. 11-03-2026]. Disponível em <https://doi.org/10.56083/RCV5N6-002>
- MORAES, Amauri Cesar. (2017). “Curso de Ciências Sociais: currículo, mercado e formação docente”. *Perspectiva*, v. 35, n. 1, pp. 17-32 [Consult. 11-03-2026]. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/pdf/rp/v35n1/2175-795X-rp-35-01-00017.pdf>
- OLIVEIRA, Amurabi. (2015). “Cenários, Tendências e Desafios na Formação de Professores de Ciências Sociais no Brasil”. *Política & Sociedade*, v. 14, n. 21, pp. 39-62 [Consult. 11-03-2023]. Disponível em <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2015v14n31p39>
- OLIVEIRA, Amurabi; BARBOSA, Vilma S. L. (2013). “Formação de Professores em Ciências Sociais: desafios e possibilidades a partir do estágio e do PIBID”. *Revista Eletrônica Inter-Legere*, n. 13, pp. 140-162 [Consult. 11-03-2026]. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4169>
- PERDIGÃO, Dulce M.; HERLINGER, Maximiliano; WHITE, Oriana M. (Orgs.). (2011) *Teoria e Prática da Pesquisa Aplicada*. Rio de Janeiro, Elsevier.



- RAIZER, Leandro; CAREGNATO, Célia E.; MOCELIN, Daniel G.; PEREIRA, Thiago I. (2017). “O Ensino da Disciplina de Sociologia no Brasil: diagnóstico e desafios para a formação de professores”. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 190, pp. 15-26 [Consult. 11-03-2026]. Disponível em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/35759>
- RAIZER, Leandro; CAREGNATO, Célia E.; PEREIRA, Thiago I.. (2021) “A Formação de Professores de Sociologia no Brasil: avanços e desafios”. *Em Aberto*, v. 34, n. 111, pp. 55-71 [Consult. 11-03-2026]. Disponível em <https://doi.org/10.24109/2176-6673.emaberto.34i111.4837>
- SOUZA, Jordânia de A.; MARINHO, Noélia N.; GAUDENCIO, Júlio César. (2015). “Ensino e Docência: desafios para a formação e atuação de professores de Sociologia/Ciências Sociais”. *Política & Sociedade*, v. 14, n. 31, pp. 63-86 [Consult. 11-03-2026]. Disponível em <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2015v14n31p63>

Marcelo Kunrath Silva

 <https://orcid.org/0000-0002-5392-515X>
 <http://lattes.cnpq.br/3630123802753991>

Doutor em Sociologia pela UFRGS, com pós-doutorado no Watson Institute for International Studies/Brown University. Professor do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS. E-mail: mksilva@ufrgs.br

Matheus Mazzilli Pereira

 <https://orcid.org/0000-0003-2817-0856>
 <http://lattes.cnpq.br/3083976186448735>

Doutor em Sociologia pela UFRGS. Professor do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS. E-mail: matheus.mazzilli@ufrgs.br

Revisão técnico-gramatical

Saulo Lopes de Sousa⁷

Conflito de interesses

Os autores declaram não haver conflitos de interesses de natureza pessoal, comercial, política, acadêmica ou financeira relacionados à pesquisa, à análise dos dados e/ou à redação do manuscrito.

⁷ E-mail: saullo.soousa@gmail.com

Financiamento

O presente estudo foi realizado sem financiamento externo.

Uso de IA

Não foram utilizadas ferramentas de inteligência artificial na redação do manuscrito, na análise dos dados ou na elaboração de figuras e tabelas.

Disponibilidade de dados

Todos os dados utilizados e analisados neste estudo estão apresentados no corpo do manuscrito (tabelas, figuras e descrições metodológicas). Não há conjuntos de dados adicionais.

Contribuições de autoria CRediT

Marcelo Kunrath Silva e Matheus Mazzilli Pereira: Conceitualização (Conceptualization); Investigação (Investigation); Redação rascunho original (Writing – original draft); Redação revisão e edição (Writing – review & editing).